

Conferência de abertura no 4º Seminário Nacional

“O PROFESSOR E A LEITURA DO JORNAL”

Carmen Lozza

JORNAL NA EDUCAÇÃO - O QUE DÁ CERTO, O QUE DÁ ERRADO

Agradecimentos.

Alguns prolegômenos

Caros amigos, hoje em dia, dados os avanços da tecnologia com a qual convivemos, tem sido comum que, no início de palestras e conferências, um aviso pelo menos seja dado a todos para o bom funcionamento dos trabalhos – o de que todos desliguem os seus celulares ou os coloquem numa posição que não incomodem os demais participantes do evento. Este aviso Ezequiel já deu.

Pois eu tenho um segundo aviso a dar, para não frustrar os senhores no correr desta exposição, e ele diz respeito justamente a uma ressalva quanto ao título da conferência - **JORNAL NA EDUCAÇÃO - O QUE DÁ CERTO, O QUE DÁ ERRADO**. Ao contrário do que possa parecer à primeira vista (pelo menos a mim me pareceu...), não se trata aqui do anúncio de uma receita, um conjunto de procedimentos, enfim revelados, como se eu fora discorrer sobre um rol de ingredientes, seguido de um modo especial de fazer e combinar Jornal e Educação, de tal maneira que pudessem vir à tona até os requintes de uma suposta avó francesa (sim, porque a França tem muito a nos ensinar não apenas na culinária mas também quanto a jornais em escolas...), pois bem, que até os supostos conselhos dessa avó imaginária estivessem incluídos neste **O QUE DÁ CERTO, O QUE DÁ ERRADO**, quando o assunto envolve a presença de jornais em escolas...

Não esperem, portanto, a indicação de a quantos graus devemos colocar o forno – no nosso caso, por exemplo, quantos exemplares deve haver de jornais na escola, se do dia ou do encalhe... – para que o tempo de cozimento seja suficiente para formarmos leitores... Nem tampouco o quanto de fermento – no nosso caso, quantas ou quais turmas envolver, o nível de amadurecimento dos alunos, a época ideal

para o trabalho ser iniciado ou o tipo de escola que mais se mostra adequada ao trabalho, se pública ou particular – para que floresçam leitores e mais leitores de jornal, capazes de compreender a realidade, a partir da leitura de jornais, feita em classe, sobre a mesma...

Não falarei nem de quantidades únicas nem de tempos apriorísticos, tamanhos, medidas, graus ou qualquer outro elemento matemático tomado em absoluto, que possa, também matematicamente, ser adicionado ao que cada um já viveu até aqui, e sairmos todos mais satisfeitos por termos encontrado a receita “da hora”, que, multiplicando leitores, jornais, sem dúvida alguns livros e afins, possa gerar as mudanças pelas quais ansiamos em nosso cotidiano de leitores e formadores de leitores, seja de jornais, de livros, de nós mesmos, da vida, seja lá do que for...

Lamento decepcioná-los mas este “*modus operandi*” eu não poderei compartilhar com nenhum dos senhores. Nem sequer tive avó francesa, devo confessar, apenas uma boa avó italiana que, a bem da verdade, apenas conheci por meio de umas tantas histórias ouvidas na infância, longínqua, como podem perceber pelos poucos traços que ainda guardo da juventude que há muito se foi...

Pior – ou para complicar ainda mais: a avó italiana, a real, de carne e osso, foi mulher de poucas letras que sequer lia jornais e que, no máximo – e bem que gosto disto! – deixou-me o entusiasmo pelo humano e o temperamento apaixonado e não desistente diante do aparente e imponente absurdo que é a vida..

Bem, meus amigos, não sendo um rol de “faça assim”, “evite assado”, “caminhe por tais percursos”, “elimine tais trechos obscuros” ou “atalhos de maior risco” e coisas tais, de que poderia se compor esta fala que abre o 4º Seminário O PROFESSOR E A LEITURA DO JORNAL...??? O que poderia ser útil e provocar reflexões sem ser ilusório, como tantas e tantas outras receitas que todos nós já ouvimos pela vida afora e que, quando retornamos ao nosso dia-a-dia, quase nunca conseguimos encaixar em nossa prática profissional, frustrando-nos e fazendo-nos sentir fragilizados para continuar em busca de nossos sonhos de educadores que somos?

Afinal de contas, a realidade não é algo assim que, tal qual um bolo, possamos partir com uma faca, por mais amolada que seja, para rechear com novas idéias, independente de quais sejam estas teorias (quase sempre tidas como boas e indicadas para serem reproduzidas) e

aquela prática, a nossa prática (esta quase sempre tida como carente de uma nova teoria que a ilumine e aperfeiçoe).

Creio mesmo que nós, professores, sabemos de sobra o quanto temos sido acusados de “resistentes a mudanças”, a não querermos abandonar as nossas “zonas de conforto”,... As teorias estão aí, nós é que nos recusamos a colocá-las em prática.

Não! Absolutamente! Alimentar o componente de secundarização que, como uma marca cravada na alma, existe em muitos e muitos de nós, professores, nunca! Não é o que eu poderia pretender nesta manhã de julho nesta encantadora UNICAMP, que tanto me seduz a cada vez que passo por aqui.

Longe de mim reativar esse tipo de sentimento de que nos fala “Álvaro de Campos” – o eterno Fernando Pessoa – , em seu Poema em Linha Reta, com o qual muitos de nós já se identificaram um dia. E que eu releio aqui para dele nos exorcizarmos juntos e de vez (Vocês conhecem?):

“...POEMA EM LINHA RETA...” - ÁLVARO DE CAMPOS

*Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.
E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,*

*Indesculpavelmente sujo,
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar
banho,
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das
etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado
sem pagar,
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
Para fora da possibilidade do soco;
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas
ridículas,
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.
Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida...
Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez
foi
vil?
Ó príncipes, meus irmãos,
Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?
Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?
Poderão as mulheres não os terem amado,
Podem ter sido traídos - mas ridículos nunca!
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?
Eu, que venho sido vil, literalmente vil,
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.*

Alimentar em cada um de nós um possível traço
de fragilidade, até mesmo de apequenamento

seria totalmente avesso aos efeitos que eu desejaria para este nosso reencontro. Muito pelo contrário! A minha fala, nos limites do seu caráter fugaz, haveria de se prestar a objetivos mais nobres, capazes de nos valorizar em nosso desejo de estarmos menos sós, mais fortalecidos e mais solidários em nossa caminhada comum.

Para receitas, desde já deixo meu e-mail – e vamos trocá-las! Nossa rede de influências e de contatos precisa crescer. Então, anotem – clozza@uol.com.br. Os de vocês, sei que terei após o término do seminário, pelo serviço inigualável que a ALB nos vem prestando através dos anos.

Bem, com a programação da troca de receitas para depois, e não de mão única – daqui para aí –, mas partilhadas entre todos nós – como ocupar este nosso tempo?, de que forma abordar o tema? – passaram a ser as minhas questões ao em preparar para aqui estar.

Fruto que também sou das histórias que ouvi desde a mais tenra idade – não só a respeito da família italiana como da banda portuguesa também, e até de tantas e tantas outras, histórias e mais histórias, muitas delas horripilantes que, junto aos irmãos, todos ainda pequenos, boquiabertos e assustados, ouvíamos do velho tio Benedito, magro que só

ele – a tal ponto que, sentado, quase dava um nó nas pernas finas, duplamente cruzadas –, tio Benedito, mestre em provocar um medo sem tamanho, ao falar das tantas e tantas almas do outro mundo de que tinha notícia...

A pior das histórias, sem dúvida, foi a da avó que via fantasmas subirem pela escada da casa – o que era mais amedrontador ainda, pois quase nos colocava como parentes do vulto –, tudo isto contado com a maior naturalidade, o que nos fazia quase quebrar o pescoço, quando a sessão se encerrava, nós que, então, vasculhávamos, com o olhar, todas as direções do caminho de ida aos quartos, já que, para irmos dormir, tínhamos que subir a escada que nos levava ao andar de cima, onde algum fantasma malvado poderia estar a nos espreitar sem dó nem piedade...

Pavor puro! E, como vêm, inesquecível... O maravilhoso é que são lembranças não só do medo mas de tudo que tal sentimento e rememorações trazem junto a si – a casa toda, a Casa da Beira Rio, como até hoje a chamamos, o rio em frente, o Paraíba, o grande quintal, a Sala de Estudos, ah, a Sala de Estudos (era esse seu nome), com suas estantes escuras, de portas de correr, por trás de cujos vidros olhavam para mim, sedutoras as “**almas**

preciosas deste mundo mesmo” que até hoje atravessam a minha existência :

- ⇒ Monteiro Lobato, apetitoso! – do tamanho e formato das letras à textura das folhas e às imagens sem cor – tudo para sempre gravado em mim...
- ⇒ aqueles livros enormes de contos de mil e uma noites, que para sempre sejam louvados...
- ⇒ os contos de Andersen, lidos, contados, ouvidos, até muitos dos volumes terem suas páginas descoladas da capa dura, de tanto manuseio (só pequenos éramos 4, fora os outros 5, já adultos...), algumas vezes fatiando o livro em muitos pedaços que só às custas do bom durex de então voltavam a ficar reunidos...
- ⇒ e no canto a vitrola de Padrinho Oswaldo, de cujos sons ouvi, pela primeira e incontáveis vezes posteriores, a história da Formiguinha e a Neve, a melhor de todas para mim – ***“Ó, homem, tu que és tão forte que bate no cão que persegue o gato que come o rato que rói o muro que tapa o sol que derrete a neve, desprende o meu pezinho?”***

Tudo isso, meus amigos, para anunciar o quanto gosto de histórias, como elas me compõem, e também para dizer que escolhi como forma de

falar a vocês, hoje, contar um pouco da história e das lições que tirei desde quando a leitura de jornais na escola passou a fazer parte preponderante de minha vida.

Mas, calma! Não se acotovelem, em desespero, caros colegas! Aqui não serão recontados 63 anos de uma vida intensa e recheada de histórias de todos os tipos. Acalmem-se e entro no nosso foco – as lições que me trazem a minha experiência combinando Jornal e Educação. São apenas **6.723 dias** que passaram rápidos, podem acreditar!!!!

E vamos a ela...

Uma história e suas aprendizagens

1. O começo, no Rio de Janeiro

- **1989 – o início.**

O começo de tudo se deu na Fundação Roberto Marinho, quando fui convidada para ser a pedagoga do então projeto (hoje programa) QUEM LÊ JORNAL SABE MAIS.

Parece uma sina: lá (QUEM LÊ JORNAL SABE MAIS) como aqui (O QUE DÁ CERTO, O QUE DÁ ERRADO), nem um ponto de interrogação para aliviar. Eu, que desde os idos dos anos 70, tenho sempre por perto uma frase – ***Penso, logo existo e hesito*** – parece que sempre estou às voltas com certezas que insistem em me colocar em xeque. Felizmente, pude aprender com José Américo Pessanha, inspirado em Bachelard, que toda vez que nos defrontarmos com algum tipo de empáfia ou certeza, temos que dizer ‘**depende**’. Não foi à toa, por suposto, que lá bem no início de minha atuação no Quem Lê, uma das primeiras atividades que realizei com os professores foi debater com eles a seguinte questão: **QUEM LÊ JORNAL SABE MAIS?**

- ***“Veio na hora certa!”***

Antes a visão política, o preconceito mesmo, talvez me impedisse de aceitar. A esta altura da

vida, Gramsci já havia surgido para mim e a rigidez de dividir o mundo entre exploradores – maus – e explorados – bons – já ia sendo superada na prática. Já tinha lugar não mais a visão que opunha uma classe dominante a uma classe dominada, fechadas e segregadas em seus valores e formas de viver. Já ia agregando uma nova racionalidade que não descartava os espaços de atuação em prol de uma contra-hegemonia convivendo com a classe hegemônica num mesmo tempo histórico.

• ***“Será por pouco tempo!”***

Ex-militante sindical, como trabalhar para as Organizações GLOBO? ***Superação pela absorção, na prática, da contradição que é a vida.*** Enquanto uns ganham dinheiro em espécie ou em imagem (que transforma-se, mais dia, menos dia em mais dinheiro) seria possível ganhar em trabalho pela humanização da criança e do jovem, pela leitura.

Daí, a primeira lição:

Lição número 1 – o que dá pra rir dá pra chorar... *Nada é uma coisa só, todo o tempo...*

- ***Estudar muito – é preciso...***

Foram tempos de muito estudo. Assim é que foram lidos e relidos:

- o Althusser
- o Bakhtin
- o Bethania Mariani
- o Bourdieu
- o Ciro Marcondes Filho
- o Eny Orlandi
- o Ezequiel Theodoro da Silva
- o Freinet
- o Gramsci, sempre
- o Leandro Konder
- o Marilena Chauí
- o Paulo Freire
- o Sírio Possenti

Lição número 2 – mais até para quem se dispõe a ir na contramão, estudar é tarefa imprescindível.

- ***Tempos de trocas e reconhecimento
(Representação do GLOBO na ANJ)***

Por esta ocasião, freqüentando as reuniões promovidas pela Associação Nacional de Jornais, verifiquei que a justificativa consensual,

então proclamada pela mesma, indicava como o porquê dos projetos:

- Necessidade de formar o leitor do futuro...
- e de colaborar para o rejuvenescimento do veículo...
- de expressar o compromisso social da empresa.

Quanto a esse último ponto, não podemos nos esquecer de que no pós Queda do Muro de Berlim e com o fracasso da experiência soviética, o capitalismo, sem um projeto de sociedade alternativo rival, criou seus próprios mecanismos de consolidação e expansão. A estratégia da Responsabilidade Social Empresarial (RSE) se intensifica nessa ocasião, capitaneada por empresários menos conservadores, para que pudessem “fazer a sua parte”, saldando a sua dívida social, disseminando conceitos como “lucro social”, “empresa cidadã”, dentre outros.

Em relação à realidade de então (havia 37 projetos, em 2003), pude construir a seguinte avaliação da entidade em relação aos projetos em desenvolvimento e ao processo de coordenação exercido quanto a eles:

- A direção era dada por um empresário integrante da diretoria da ANJ.
- Havia um comitê fixo que o auxiliava (os 7 primeiros coordenadores o compunham).

- As reuniões necessitavam de dinamização.
- Havia ausência de critérios de aferição de qualidade.
- Cada empresa oferecia o seu próprio produto.
- Havia autonomia de cada projeto
- Predominava trabalhos de utilização (o jornal como recurso didático) e não de leitura do jornal.

Não tínhamos aqui no Brasil uma política pública de leitura/utilização do jornal na escola. No mundo todo também era esta a realidade mais marcante: associações e seus associados realizando, cada um por si, ações do gênero.

Es exemplos mais marcantes eram, até onde conheci, os da França e da nossa vizinha Argentina, ambas possuidoras de uma política pública a conduzir os projetos do setor.

- ***Tempos de definições – Formatação da base teórica do QUEM LÊ JORNAL SABE MAIS***

Quanto ao Quem Lê, conseguimos ir amadurecendo e traçar definições para caracterizá-lo:

- ◇ Projeto de LEITURA/ LITERATURA/ PLURALISMO
- ◇ Prioridade ao conhecimento do JORNAL COMO OBJETO – crítica
- ◇ Atenção à formação de uma cidadania CONCRETA.

- ◇ FORMAÇÃO CONTINUADA DOS EDUCADORES (criação de Pólos de Jornal na escola em bibliotecas – para ter maior permanência).
- ◇ Diálogo, sem subserviência, entre pedagogia e marketing.

Lição número 3 – “LER É SABER QUE O SENTIDO PODE SER OUTRO” (Eni Orlandi)

Lição número 4 – “PRECISAMOS DE MUITO POUCO: APENAS UNS DOS OUTROS” (Carlito Maia)

• *Um momento “divisor de águas”*

A clareza quanto aos limites e possibilidades foi sendo construída ao sabor do cotidiano. Pouco tempo depois, já com uma breve estrada percorrida, um impasse – a direção da empresa estranha a presença de jornais “adversários” nas mãos dos professores durante uma oficina, junto com o veículo da casa. Estranha e respeitosamente, questiona a validade da ação. Este foi um momento decisivo. Ali, os princípios se fizeram presentes e o embate se dissipou: sem liberdade, não existe leitura. Qualquer impedimento aos professores em seu direito a ler, destruiria o projeto. Ali eu estava para dar sustentação pedagógica a um projeto

de leitura e não para um projeto de leitura de um determinado jornal, o que negaria a própria concepção de leitura que adotávamos.

Três lições de vez:

Lição número 5 – princípios são inegociáveis.

Lição número 6 – muitas vezes moram dentro de nós mesmos os limites para a nossa ação. O OUTRO costuma respeitar quem tem argumentos sólidos.

Lição número 7 – Os não iguais podem se amar (o antigo chefe virou amigo para sempre).

• ***Muita conversa ...***

Daí para a frente, ao lado de nossos estudos, convidávamos personalidades para conversarem conosco e com os professores que estavam conosco, participando do programa:

...sobre Jornal e Literatura

o Afonso Romano
o Ana Maria Machado
o Ferreira Goulart

- o Francisca Nóbrega
- o Francisco Millani
- o João Ubaldo
- o Zuenir Ventura

... sobre Educação

- o Gaudêncio Frigotto
- o José Pacheco
- o Mário Sérgio Cortella
- o Nilda Alves
- o Regina Leite Garcia
- o Teresa Esteban

... sobre Jornalismo

- o Chico Caruso
- o Ciro Marcondes Filho
- o Cláudio Duarte
- o Emir Sader
- o Luiz Paulo Horta
- o Renato Maurício Prado

Assim, aprendíamos com os livros, com a prática dos professores, com a fala dos estudiosos...

Lição número 8 – Um olho no padre, outro na missa.

- ***Envolvimento do aluno – criação do Repórter do Futuro, em 1998.***

Se a intenção do QUEM LÊ JORNAL SABE MAIS era promover o acesso ao meio jornal, a sua ampla re-interpretação e a conseqüente expressão de atitudes cidadãs, por parte dos jovens leitores, tornou-se necessário trazer o aluno para mais próximo da maneira como é feito o jornal. Imaginava-se que, escrevendo reportagens, o jovem leitor pudesse compreender mais vivamente a forma de ser da imprensa em sua estrutura e funcionamento.

O Projeto Repórter do Futuro surge, assim, para que estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio pudessem ter um contato mais estreito com o texto jornalístico, produzindo reportagens sobre temas escolhidos por eles mesmos.

Desde então, a cada ano, um grupo de alunos interessados se reúne na sede do jornal O GLOBO, fora do horário das aulas, para, sob a supervisão de jornalistas receberem informações sobre a carpintaria do texto jornalístico: o que deve ser checado com cuidado, como a notícia é apresentada ao leitor, além de serem debatidas idéias de pautas e roteiros para reportagens.

O projeto é desenvolvido durante todo o ano e as matérias feitas pelos **Repórteres do Futuro** são publicadas em duas edições dos jornais de bairro do GLOBO e no jornal EXTRA¹.

Lição número 9 – Todos os caminhos levam a Roma (quando sabemos que é a Roma que queremos chegar).

2. A atuação em âmbito nacional e algumas outras lições...

A minha primeira incumbência, em âmbito nacional, foi a de apresentar ao presidente da ANJ, a convite do diretor executivo da entidade, uma avaliação quanto aos programas e a possíveis necessidades de aprimoramento.

A proposta apresentada indicava que a ANJ deveria exercer uma ação coordenadora em favor da leitura, tentando construir uma unidade, mesmo que cada associado pudesse ter autonomia na condução de seus respectivos projetos.

¹ No EXTRA, desde 2006, quando foi lançado o QUEM LÊ JORNAL SABE MAIS EXTRA.

Logo em seguida (em 2004), a convite da ANJ conduzi o **PRIMEIRO LEVANTAMENTO NACIONAL SOBRE OS PROJETOS EM DESENVOLVIMENTO**. Sem um modelo apriorístico que apontasse para um formato ideal do que deveria ser um projeto de Jornal na escola, foram consultados todos os associados da época, tendo havido 83% de respostas à consulta.

JORNAIS BRASILEIROS E SUA SITUAÇÃO EM RELAÇÃO AOS PROGRAMAS
DE JORNAL NA EDUCAÇÃO - 2004

<i>Situação do jornal com relação aos programas de Jornal na Educação</i>	Quantitativo	%
Jornal sem Programa	49	46%
Jornal com Programa interrompido	06	05%
Jornal com Programa em fase de implantação	04	04%
Jornal com Programa em desenvolvimento	48	45%
TOTAL	107	100%

UNIDADES DA FEDERAÇÃO QUE CONTAM COM MAIOR NÚMERO DE
PROGRAMAS DE JORNAL NA EDUCAÇÃO - 2004

Estados	Número de Programas
São Paulo	12
Paraná	6
Rio Grande do Sul	5
Minas Gerais	3
Santa Catarina, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará,	2

**NÍVEIS DE ENSINO ATENDIDOS PELOS PROGRAMAS DE JORNAL NA
EDUCAÇÃO - 2004**

Nível de ensino	Percentual em que é citado
Educação Infantil	16%
1º e 2º Ciclo do Ensino Fundamental	22%
3º e 4º Ciclo do Ensino Fundamental	25%
Ensino Médio	16%
Ensino Superior	5%
Educação de Jovens e Adultos	14%
Educação Especial	1%
Ensino Profissionalizante	1%

Trinta e nove jornais informaram o tipo de exemplares que enviam para as escolas e para as outras instituições por eles atendidas:

- 43% dos Programas enviam exemplares do encalhe;
- 31 %enviam exemplares do dia;
- 26% tanto enviam exemplares do dia como do encalhe.

Quanto ao oferecimento de orientação pedagógica, o quadro assim se apresentava:

- 23% não oferecem nenhum tipo de orientação, seja por meio de textos impressos, seja por meio de outras

atividades – visitas às escolas, reuniões, oficinas, etc.

- 62% a oferecem, seja por meio de boletins, seja de outras maneiras, diversas;
- e 15% não se manifestaram a respeito.

Nível de alcance dos Objetivos em 2004 (indícios do que ia dando certo, no âmbito das representações dos coordenadores)

Objetivo	Bastante Atingido	Atingido de forma satisfatória	Pouco Atingido	Sem opinião formada a respeito
Incentivar a leitura de jornais	61%	39%		
Contribuir para o exercício da cidadania	57%	41%	2%	
Contribuir para o aluno conhecer o mundo	60%	40%		
Aproximar a escola do cotidiano	76%	19%	5%	
Colaborar para conhecimento interdisciplinar	45%	48%	7%	
Ensinar o aluno como é o jornal	74%	17%	7%	2%
Contribuir para a melhor expressão do aluno	45%	45%	7%	3%
Colaborar para a auto-confiança do aluno	45%	45%	7%	3%
Capacitar o aluno a ler criticamente o Jornal	48%	41%	11%	
Contribuir para que o aluno escreva melhor	48%	41%	7%	4%
Contribuir para o aprendizado da Língua	42%	42%	11%	5%
Tornar o currículo mais dinâmico	47%	35%	16%	2%
Incentivar outras leituras	24%	57%	17%	2%
Promover o respeito à opinião divergente	32%	44%	17%	7%
Debater o papel da Imprensa	25%	50%	16%	9%
Facilitar trabalho coletivo com professores	32%	41%	22%	5%
Facilitar a criação do Jornal Escolar	28%	42%	23%	7%

Nas conclusões do **PRIMEIRO LEVANTAMENTO NACIONAL SOBRE OS PROJETOS EM DESENVOLVIMENTO** foram apresentadas as seguintes sugestões:

- o Necessidade de parâmetros (UM CONCEITO), capaz de dar unidade e possibilitar avaliação quanto ao processo de formação de leitores.
- o Necessidade de tal conceito enfatizar a leitura crítica e do jornal em seu todo.
- o Oportunidade de associar a RSE à democratização do acesso ao mundo da leitura.
- o Necessidade de abrir o comitê, até então, fixo.
- o Urgência de universalizar a OP e o processo de formação continuada dos profissionais do Magistério.
- o Necessidade de difundir a idéia de que o sucesso do marketing depende da qualidade pedagógica do Programa.
- o Desejo de superar a realidade de cada empresa oferecer o seu próprio produto com a ANJ obtendo recursos para realizar um projeto com a presença de vários veículos na escola.

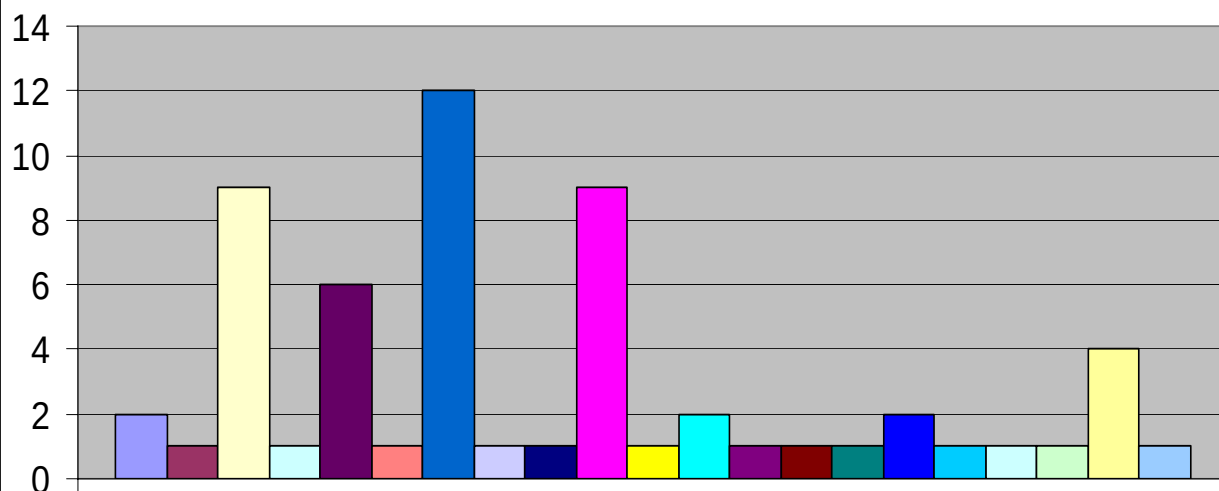
- ***Um desafio especial: seria possível uma entidade privada realizar uma política nacional de leitura, de caráter público, a partir da presença do jornal na escola, em prol da humanização?***

Em setembro de 2004, surgiu o maior desafio: assumir a direção do PROGRAMA JORNAL E EDUCAÇÃO (na ocasião chamado de **JORNAL NA EDUCAÇÃO**), da ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, que me ocupou durante 30 meses, simultaneamente ao trabalho no Rio de Janeiro, junto ao QUEM LÊ JORNAL SABE MAIS. Seria passageiro mas valeria a pena...

Foram tempos de tentativas. Houve a abertura do comitê, que deixou de ser apenas integrado pelos 7 jornais pioneiros e se abriu a todos; o incremento do discurso em favor da ampliação do caráter pedagógico (anunciado como capaz de contribuir para a formação de leitores); a ampliação da existência de Orientação Pedagógica em cada um deles (mesmo assim, 23% ainda não a tinham em 2006) e de educadores nas equipes (78% passaram a ter pelo menos um); o caráter comercial passou a ser questionado, substituindo-se a sua predominância em prol da qualidade pedagógica do programa, esta, sim, a ser capaz de fazer crescer o negócio enquanto tal.

Com base no discurso do empresariado em favor do lucro social colocava-se em pauta o debate sobre a questão da leitura com maior vigor. Ações antes isoladas tinham o aval para serem realizadas e disseminadas. Assim é que, um segundo levantamento nacional, realizado em 2006, comprovou o seguinte:

Ações que comprovam o comprometimento com a leitura



- Não valorização do jornal como sucata/valorização da autoria
- Parceria com a ABRINQ para atuação dos monitores jovens de leitura
- Discursos - fala em favor da leitura (diversas circunstâncias)
- Promoção de feira de livros
- Doação de livros de literatura a alunos e professores
- Estímulo à leitura de outros jornais
- O trabalho em si com jornais
- Estímulo a que os planejamentos das escolas incluam ações de leitura
- Estímulo à criação do Jornal Escolar
- Orientação para a conexão entre jornal e literatura
- Criação de praças de leitura
- Divulgação de obras literárias
- Divulgação de sites que tratem de leitura
- Parceria com o PROLER
- Concursos de Redação
- Premiação com livros
- Apoio e participação na Bienal do Livro
- Criação de um Clube Mirim
- Realização de oficinas com especialistas em Literatura Infantil
- Realização de atividades culturais/ Estímulo às várias formas de expressão artística
- Estímulo às operações do ler (selecionar, comentar, comparar...)

Quanto aos indícios do que vinha dando certo e sendo mais difícil nos programas brasileiros, o quadro em 2006 era o seguinte:

Diferenciais positivos anunciados pelos coordenadores de PROJEds – 2ª pesquisa nacional, 2006.	
Diferencial positivo	%
Promover Leitura/ Cidadania/ Inclusão social/ Educação	25
Ter boa relação com as escolas	10
Promover leitura crítica	7
Fornecer exemplar do dia	7
Parcerias	7
O tipo de atendimento oferecido (prisões/ escolas distantes)	4
Oferecer Visitas (precário, apenas visitas)	4
A qualidade da OP com Universidade / Qualidade do material de OP	4
Integração com a Redação	3
O próprio jornal	3
Ser ação de RSE	3
Haver participação de alunos e professores no suplemento	3
Não há (Incrível não haver!)	3
Ajudar alunos a se expressarem / colaborar para a auto-estima	2
Possuir suplemento infanto-juvenil (Prouco significativo, não?)	2
Colaborar para a produção do Jornal escolar	2
Haver interesse da direção da empresa	2
Haver boa relação com o Magistério	1
Possuir Praça da Leitura	1
A quantidade de cursos oferecidos (100) (Quantidade????)	1
Promover estudo da realidade que está no jornal (A realidade não está no jornal!)	1
Haver manutenção própria	1
Promover a otimização do veículo pelas sugestões dadas pelos leitores	1
Ter reconhecimento do MEC	1
Realizar avaliação anual	1

Dificuldades anunciadas pelos coordenadores de PROJEds – 2ª pesquisa nacional, 2006.

Dificuldades	%
Em branco	24
Falta de alinhamento interno/ desprestígio/ carência de recursos, desinteresse	22
Escolas desinteressadas, sem saberem usar os materiais , desmotivação de profs., sem saírem da “zona de conforto” (Visão elitista em relação ao professor)	20
Não haver equipe	14
Órgãos de educação desinteressados	6
Redação não reconhecer que o projeto é bom para o negócio jornal/ não dar apoio editorial (Visão comercial)	4
Redução do trabalho em anos eleitorais	1
Não haver como divulgar	1
Muitas	1
Violência urbana	1
Professor não leitor	1
Não ser obrigatório (Equívoco)	1
Professores esperarem fórmulas	1
Dificuldades naturais (Envolvendo pessoas, como dificuldades naturais???)	1
Haver a impressão inicial que o projeto é só para vender jornal	1
Administrativas – criar uma rotina de envio de material	1

- ***Momento “Devagar com o andor que o santo é de barro”***

Uma auto-crítica devo deixar às claras, ao falar do período em que estive na ANJ: foi o de me descuidar de investir na construção de uma política pública para os projetos de Jornal e Educação. Entusiasmada em agir por dentro da entidade que congregava – e congrega – as iniciativas de leitura com jornais, ampliei desmedidamente as possibilidades de mudanças que dali poderiam advir. A ALB já nos conclamava desde o primeiro seminário para que déssemos conta de investir na estruturação de uma política pública para o setor. Não o fizemos. Agora, são tempos, creio eu, de nos voltarmos para essa tarefa.

As constatações feitas quando da relação mais formal com a realidade nacional, pôde ir revelando a existência de projetos dos mais variados tipos, equipes mais e menos progressistas, alguma mistura entre a pedagogia e a Redação dos jornais, as dificuldades de abertura à leitura de mais de um jornal na quase totalidade dos projetos, a dificuldade de reduzir o caráter comercial das iniciativas – tudo isso nos leva a insistir na

construção coletiva de uma política pública para o setor.

• ***Momento “De volta aos trilhos”***

Retomando a atuação no âmbito do QUEM LÊ JORNAL SABE MAIS, tratei de investir mais firmemente na ampliação do espaço local, certa de que a alfabetização em mídia impressa tornava-se, cada vez mais, necessária ao jovem contemporâneo.

O QUEM LÊ JORNAL SABE MAIS, 26 ANOS DEPOIS...

- Componente do objetivo a ser cada vez mais perseguido – o da leitura crítica e das práticas de cidadania a partir dela.
- OP consistente com prioridade à leitura.
- Registro de projeto pela escola.
- Análise do mesmo e trocas permanentes a partir dele.
- Providências para superar o fato de não haver formação continuada, em serviço:
 - o inscrição das escolas, a partir de sua própria solicitação;
 - o a sugestão de que os coordenadores sejam escolhidos por seus pares, no interior da escola;

- o devem participar aqueles professores que tiverem interesse;
- o um compromisso, entre as duas pontas da relação e uma sistemática de ações, previsível, contínua e que afaste o imprevisto da relação entre todos;
- o O que o professor já realiza é o ponto de partida para a atuação da equipe.
- o a avaliação de todo e qualquer evento de OP e o retorno aos professores da análise feita a respeito.
- o Orientação direta a alunos.
- o Realização de dois Fóruns de alunos, por ano.
- o Realização de O QUEM LÊ VAI À ESCOLA

Em 2006 foi realizada uma pesquisa avaliativa quanto aos impactos pedagógicos e sociais do Programa e constatamos que o Programa contribui para o alcance, em maior ou menor grau, dos seguintes objetivos:

- ler mais;
- ler mais jornais;
- usar jornais para estudar de maneira mais ampla e profunda;

- ter informações sobre o mundo por meio de jornais;
- ter clareza a respeito da função social do jornal;
- obter melhoria na expressão escrita; e
- ampliar práticas cidadãs a partir da leitura de jornais.

Além do mais, os professores indicarem como objetivos mais facilmente alcançáveis os seguintes:

OBJETIVOS MAIS FÁCEIS DE SEREM ALCANÇADOS PELOS ALUNOS, SEGUNDO OS COORDENADORES-CURSISTAS, APÓS O CURSO, EM ORDEM DECRESCENTE (2006)

Objetivos	Numeração ordinal
Aproximarem-se das questões do cotidiano	1º
Aprenderem como é o jornal	2º
Conhecerem melhor o mundo em que vivem	3º
Aprenderem de maneira mais dinâmica e ativa	4º
Terem mais interesse pela leitura de jornais	5º
Terem mais prazer em outras leituras a partir dos jornais	6º
Respeitarem opiniões divergentes	7º
Expressarem-se melhor e com maior confiança em si	8º
Expressarem atitudes de cidadania diante das notícias	9º
Analisarem criticamente a fala do jornal	10º
Perceberem que sofrem influência do seu tempo, aí incluído o jornal	11º
Escreverem melhor	12º
Debaterem o papel da imprensa	13º
Aprenderem informalmente a língua	14º
Criarem o jornal escolar.	15º

- ***A experiência mais recente e especial:
um diário esportivo na escola***

Como experiência mais recente, não posso deixar de anunciar, pelos seus excelentes resultados, o projeto-piloto, realizado pelo diário LANCE!, do Rio de Janeiro, que pude coordenar, durante o segundo semestre de 2007, o LANCE! ESCOLA. Com sua presença numa escola pública da capital, os professores puderam realizar diferentes ações, dentre as quais destaco:

Aproveitando o estudo da escravidão no Brasil, o professor de História orientou uma pesquisa sobre a história dos 4 maiores clubes do Rio de Janeiro, inteirando-se da inserção do negro em cada um deles.

Um estudo sobre *bullying*, aproveitando o apelido que os times têm e que são apresentados no LANCE! – para tratar dos apelidos que podem significar preconceito e violência contra alguns alunos.

A partir de uma manchete do LANCE! “O clássico do Brasil – FLA X FLU”, um estudo com os alunos sobre o sentido de clássico. Redações a respeito.

Gritos de guerra das torcidas, incitadores da violência, foram pesquisados e comparados com as novas músicas de amor aos clubes que o LANCE! publicou em suas páginas.

Elaboração de questões sobre a temática da violência na cidade e no esporte e entrevista sobre o assunto, feita pelos próprios alunos, a um jornalista e a um militante político.

- ***É hora de fortalecer quem desenvolve projetos de leitura pela formulação de uma base comum para a definição de uma política pública para o setor***

Pois é, meus amigos, aqui encerro. Me perdoem, se possível, mas quando me encontrei diante da máquina para escrever minha fala, foi isso que surgiu – um pouco de minha história de vida. Fazer o quê? Só posso, além de me desculpar por fazê-los ouvintes de quem gosta de ser ouvinte de histórias, agradecer a oportunidade que tive de, por dever de estar aqui hoje com vocês, rever uma história de quem não desistiu de acreditar nos homens e nas mulheres e na sua força de construírem um mundo justo, humano e para todos. O fato de, apesar de meus cabelos brancos, oficialmente assumidos hoje em dia, ainda trazer na alma o frescor da esperança talvez – assim espero – justifique vocês terem tão carinhosamente me escutado por tanto tempo.

Muito obrigada!

BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Perseu. Padrões de manipulação na grande imprensa. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1ª. reimpressão. 2003.

ALVES, Nilda (org). Formação de Professores. Pensar e fazer. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. Editora Ática. São Paulo, 1994.

FILHO, Ciro Marcondes. O capital da notícia. Jornalismo como produção social da Segunda natureza. Editora Ática. São Paulo. 1986.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler (34ª edição). São Paulo: Cortez Editora, 1997.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Discurso e leitura (3ª edição). São Paulo: Cortez Editora, 1996

SILVA, Ezequiel Theodoro da. De olhos abertos – reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo: Editora Ática, 1991.

_____. A produção da leitura na escola – pesquisas propostas. São Paulo: Editora Ática, 1995.

_____. Leitura na escola e na biblioteca (5ª edição). Campinas: Papirus, 1995.

_____. Ato de ler (7ª edição). São Paulo: Editora Ática, 1996.